



DOSSIÊ: A HERANÇA DA REFORMA: POR UMA LEITURA DA REFORMA
L'EREDITÀ DELLA RIFORMA: PER UNA LETTURA DELLA RIFORMA

A FENOMENOLOGIA DA PERCEPÇÃO DE MERLEAU-PONTY E A SUA RELEVÂNCIA PARA A PASTORAL URBANA

*THE PHENOMENOLOGY OF MERLEAU-PONTY'S PERCEPTION AND ITS
RELEVANCE TO URBAN PASTORAL WORK*

*Tiago de Fraga Gomes**

RESUMO

Inspirando-se na fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty, a ação pastoral da Igreja em âmbito urbano busca a valorização da dimensão da corporeidade, e encontra seu sentido de ser na interseção das experiências e na ação personalizada. É necessária uma pastoral integral, com uma nova sensibilidade, que busque tocar e analisar as culturas religiosas com suas linguagens específicas, a fim de perceber a busca de sentido empreendida pelos cidadãos, com um olhar atento à presença de Deus que habita a cidade. A ação pastoral acontece no corpo a corpo, no contato que cuida e se deixa cuidar, na corporeidade samaritana que não ignora o corpo alheio jogado à margem da sociedade. É preciso cultivar um ministério pastoral consequente com a graça divina, ao invés de alimentar uma pastoral meramente superficial e inconsistente. Diante de uma realidade extremamente individualista, intimista e consumista, a conversão pastoral é uma marca permanente da atividade pastoral.

Palavras-chave: Pastoral Urbana; Samaritanidade; Corporeidade; Percepção; Merleau-Ponty

ABSTRACT

Inspired by the phenomenology of Merleau-Ponty's perception, the Church's pastoral action in the urban sphere seeks to value the dimension of corporeality, and finds its sense of being in the intersection of experiences and in personalized action. It is necessary an integral pastoral, with a new sensitivity, that seeks to touch and analyze the religious cultures with their specific languages, in order to perceive the search of sense undertaken by the citizens, with a close look at the presence of God that inhabits the city. Pastoral action takes place in body-to-body, in the contact that cares for and is cared for, in the Samaritan body that does not ignore the body of others thrown on the margins of society. It is necessary

* Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC-RS, bolsista da CAPES. E-mail: tiago_mail@yahoo.com.br.

to cultivate a consequent pastoral ministry with divine grace, instead of nourishing a merely superficial and inconsistent pastoral ministry. Faced with an extremely individualistic, intimate and consumerist reality, pastoral conversion is a permanent mark of pastoral activity.

Keywords: Urban Pastoral; Samaritanity; Corporeity; Perception; Merleau-Ponty

INTRODUÇÃO

A Sagrada Escritura inicia em um jardim e termina em uma cidade. “A última palavra da revelação é o nome de uma cidade, a nova Jerusalém. O último ato da história divina é a manifestação da cidade de Deus” (COMBLIN, 1991, p. 22). As destinatárias do Apocalipse são grandes cidades: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia, Laodicéia. Segundo o livro do Apocalipse, toda cidade é santa (*Ap* 21,2) e é morada de Deus entre os homens (*Ap* 21,3). A cidade é um lugar teológico. Em toda cidade há um “mais” a descobrir, um “novo” a encontrar: Jesus Cristo ressuscitado. Porém, em toda cidade Jesus é condenado à morte, há escravidão como no Egito, há depravação como em Sodoma, há perversidade como na Babilônia. No fundo, toda cidade tem Caim como fundador, mas tem Cristo como destino final. A vocação da cidade é negada por Caim. Por isso, é uma vocação ainda pendente. Cabe a Cristo cumprir esta tarefa e aos cristãos a colaboração, através da vivência da misericórdia e da samaritanidade (BRAVO, 2015, p. 131), como atitudes de cuidado aos “Abéis” frágeis, no anseio de superação do fratricídio genesíaco.

Cristo nos envia a proteger os “Abéis” fracos e sem poder. O Reinado Urbano de Deus são os cristãos que estão criando cultura, pela linguagem da misericórdia e da samaritanidade, pelas quais é possível uma cidade renovada (*DAP* 491, 517; *Lc* 10,25-37). A cor da cidade se parece à resplandecente luz de jaspe (*Ap* 21,11.18), que é o símbolo de Cristo. Ele é a muralha, a proteção e o fundamento da cidade. De todas as classes de pedras preciosas que adornam a cidade, Cristo é a sua base, é o valor que não anula os demais, mas antes, dá sentido e sustentação ao pluralismo de valores que constituem a cidade. Se não houvesse pluralidade, as cidades seriam uma uniformidade infernal e sem sentido, sem horizonte vital. As culturas religiosas diversas enriquecem a cidade, fazem-na bela e cheia de vida. Em nosso continente latino-americano, há um pluralismo de ordem cultural e religiosa (*DAP* 479) em que coexistem muitas ofertas que buscam responder a sua maneira à sede humana de Deus.

Cada oferta possui uma cosmovisão e uma expressão peculiares. Dentre essas ofertas podemos citar: os centros afetivos ou lugares onde se praticam os rituais de devoção; as experiências de

pequenos grupos identitários; as peregrinações a lugares santos ou místicos; as ofertas de plenitude e realização pessoal do mercado religioso; a aceitação e a acolhida personalizada; as cerimônias civis com suas liturgias que sacralizam anseios de reconhecimento, sucesso, riqueza e bem-estar; a cidade das sensações que tem o corpo e seus sentidos como centro afetivo, operando pela música, luzes, substâncias, que proporcionam uma experiência extática; as culturas de gueto, onde o corpo se transforma em um símbolo de pertença com tatuagens, tipos de penteado, piercings. A ação pastoral da Igreja durante os primeiros séculos esteve mais apegada aos símbolos e ao corpo do que à razão. Na sequência da história, operou-se uma inversão, com um enfoque maior na racionalidade. Atualmente, o desafio diz respeito novamente à questão da corporeidade. Um importante contributo, nesse sentido, pode ser encontrado na filosofia de Merleau-Ponty, a qual enfatiza a questão da corporeidade como elemento imprescindível do conhecimento e das relações sociais.

Em diálogo com a psicologia, Merleau-Ponty escreveu a obra *Fenomenologia da percepção*, com o intuito de encarnar a consciência intencional husserliana no mundo da vida. Merleau-Ponty percebe como insuficiente a caracterização da vida humana exclusivamente pelo cogito cartesiano. O ser humano se faz presente e se manifesta no mundo desde a sua corporeidade. Toda experiência que a pessoa tem do mundo é corpórea. O processo gnosiológico ocorre desde a perspectiva fenomênica em que a consciência humana percebe, intui, imagina e descreve os objetos mundanos. O conhecimento nasce da corporeidade que se manifesta e que é intuída e sistematizada na consciência imaginativa e reflexiva, sendo possível a conceitualização do fenômeno objetual. A presente pesquisa pretende colher algumas contribuições dessa nova sensibilidade para a pastoral urbana, a fim de tocar fundo no coração dos sujeitos destinatários da ação evangelizadora da Igreja. Para isso, pretende-se abordar algumas peculiaridades da cultura urbana e perscrutar a relevância da fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty nesse contexto, em especial o primado da percepção e a valorização da corporeidade, a fim de refletir sobre alguns desafios que a pastoral urbana apresenta na atualidade.

1. PECULIARIDADES DA CULTURA URBANA ATUAL

Cultura é criação, é invenção. A cultura urbana é invenção constante. Há uma grande transformação em curso. “O mundo mudou muito nos últimos tempos e suas mudanças são mais percebidas em contextos urbanos” (KLEIN, 2011, p. 63). O advento das novas tecnologias de informação e comunicação, com conectividade e interatividade, proporcionou uma espécie

de mundialização do contexto citadino. Atua-se em múltiplas redes, com inúmeros fluxos de relações em cada uma delas. Urbanização e globalização são fenômenos concomitantes (AUGÉ, 2015, p. 37). Há uma globalização sem fronteiras, regulada pelo mercado, com sua racionalidade econômica, tecnocrática e avassaladora. A cidade atual é uma cidade globalizada (DAVEY, 2006, p. 83), que miscigena processos de massificação, fragmentação e homogeneização, ao mesmo tempo em que emergem a pluralidade, a fluidez e a diversificação democrática¹.

A urbanidade se caracteriza pela mobilidade e por arranjos específicos de formas de vida, segundo uma lógica própria de organização². Nem todos os habitantes das grandes cidades possuem um sentimento de pertença à localidade onde residem. A pertença não tem mais uma ligação com a territorialidade, mas com o sentido e o significado que se atribui a determinado espaço. Devido ao fenômeno da mobilidade, esse sentido de pertença pode estar ancorado no lugar de trabalho ou mesmo em uma segunda residência, onde as relações sociais são mais fortes e significativas que no local de residência cotidiana (ELZO, 2015, p. 55). A mobilidade no espaço urbano multifuncional das grandes cidades faz parte da cultura do *homo urbanus*, o qual não pode viver e prosperar se não for capaz de possuir meios para se movimentar. É uma questão de adaptação e de sobrevivência, pois envolve recursos econômicos e participação nas redes de relacionamento (BORRAS, 2015, p. 209).

Na sociedade atual, as ofertas estão em função das demandas. A terceirização na prestação de serviços ao público, a fim de satisfazer as necessidades dos indivíduos, é outra característica marcante da cultura urbana. Toda função social corresponde a alguma necessidade e contribui

¹ Há inúmeras metáforas para falar da cidade, caracterizando-a como: mercado (Weber), organismo vivo (Durkheim), fruto das revoluções (Marx), exacerbação dos sentidos (Simmel), trajeto antropológico (Durand), domesticação do tempo e do espaço (Norbert Elias) ou mesmo espírito de liberdade (Rousseau). Na realidade, as pessoas articulam cada um desses aspectos cotidianamente. Como desafio, é preciso “humanizar a cidade, colocá-la a serviço do homem” (COMBLIN, 1991, p. 138), pensar a cidade desde o seu sentido de ser, e se questionar sobre o que tem razão de recomeçar, e onde se deve investir e empregar os esforços para transformá-la.

² Em contexto urbano, o tempo, o espaço e as referências sociais regem-se segundo uma lógica própria. O espaço é descentralizado e segmentado. O trabalho, o estudo e o lazer, localizados em diferentes ambientes. Não há mais um espaço exclusivo e aglutinador. O tempo não pode mais ser interrompido. Há apenas um tempo contínuo, num ritmo ininterrupto. As referências sociais se esvanecem, e a responsabilidade pesa sobre o indivíduo, não mais sobre o grupo. Há uma “passagem da verdade à opinião. A verdade religiosa passa pela hermenêutica da situação. A verdade não tem critérios objetivos para se impor, acaba tendo como critério o gosto pessoal, a satisfação pessoal, a esfera íntima” (BENEDETTI, 1994, p. 68). O sujeito não aceita mais tudo pronto, mas precisa escolher continuamente: religião, mercado, gênero, etc. As relações ocorrem em múltiplas redes que se alteram segundo os diferentes aspectos da vida. Há um conjunto de redes. No fundo, tudo é perpassado pela lógica da mobilidade, nada é estático, tudo está em movimento. O paradigma parmenidiano sede espaço para o heraclitiano.

para transformar os cidadãos em usuários, ou seja, em clientes. O critério social preponderante é o mercadológico capitalista, que funciona sobre a base do princípio de causalidade, e é regido pela competência administrativa dos gestores ou provedores de serviços e pela satisfação dos clientes. Esse *ethos* da necessidade e da satisfação dos desejos pessoais se traduz também na esfera religiosa (BORRAS, 2015, p. 212). A religião se tornou uma prestadora de serviços para satisfazer os desejos e as necessidades dos indivíduos³.

No entanto, é preciso enfatizar que a função social da cidade é a de ser uma organização do espaço físico, como fruto da regulamentação social, que deve contemplar todos os seus moradores, não apenas aqueles que estão no mercado formal da produção capitalista. A cidade como expressão das relações sociais, é um espaço inconcluso a ser produzido, passível de transformação. “A cidade é indubitavelmente produto da civilização. Resulta do esforço humano de melhorar a vida” (GRINGS, 2004, p. 17). Infelizmente, na prática, a cidade se produz e se reproduz mais pelos interesses econômicos do que pelas necessidades de seus moradores. Isso demonstra um déficit de cidadania, de encontros e de relações saudáveis. Será que em nossa cidade caótica e acelerada pensamos nos valores que realmente importam na vida? O profetismo na cidade é exercido pela denúncia das indiferenças marginalizantes e pelo anúncio de novas possibilidades de relações inclusivas pelo exercício da cidadania.

2 A RELEVÂNCIA PASTORAL DA FENOMENOLOGIA DA PERCEPÇÃO DE MERLEAU-PONTY

Não basta lançar um olhar sobre a realidade, é preciso buscar um método que ajude a discernir e a julgar os elementos percebidos do mundo da vida. Segundo Merleau-Ponty, o grande mérito da fenomenologia consiste em conciliar “o extremo subjetivismo ao extremo objetivismo em sua noção do mundo” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 18). O mundo da pastoral, assim como o mundo fenomenológico, transparece seu sentido na interseção das experiências pessoais com as experiências alheias, unindo subjetividade e intersubjetividade. A práxis evangelizadora, inspirando-se na fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty, não consiste simplesmente no

³ A grande mudança paradigmática foi a ruptura da sociedade moderna com a pré-moderna e o consequente deslocamento do lugar central outrora ocupado pela religião para a esfera privada. “Nas sociedades e cidades modernas, a vida ‘pública’ não está mais a partir da religião ou da Igreja, mas da racionalidade presente no campo da economia e da política” (SUNG, 2006, p. 23). Os antigos centros ocupados pelos templos religiosos, agora não são mais o centro em torno do qual se organiza a vida social. Atualmente, constata-se uma crise de legitimidade das instituições religiosas em geral. (Cf. CASTELLS, 2015, p. 27).

reflexo de uma verdade metafísica, mas assim como a arte, busca nos acontecimentos da vida, a realização econômica da verdade. Nesse sentido, todo questionamento que se apresenta, é como uma abertura de ser e uma ampliação de sentido (JUNGLOS, 2013, p. 61). A pastoral em âmbito urbano, não é uma simples reprodução de um pensamento pronto e acabado, mas é edificada como uma reflexão que reaprende a ver o mundo com novos olhos e que fomenta a tomar nas próprias mãos a responsabilidade pela edificação do próprio destino, a fim de construir de forma criativa uma nova história.

2.1 O primado da percepção

A filosofia de Merleau-Ponty é uma crítica às abordagens puramente empiristas ou intelectualistas da realidade (SILVA, 1994, p. 15). Há uma unidade originária do percebido que é irreduzível à lógica do pensamento objetivo. As associações de contiguidade, semelhança ou recordação, não formam a percepção, mas nascem dela. “Merleau-Ponty insiste numa volta à experiência perceptiva, na obra *Fenomenologia da percepção*, pois, segundo ele, a percepção real e a lógica vivida, com a qual instauram-se nosso acesso ao mundo, foram esquecidas pela filosofia tradicional” (SILVA, 1994, p. 15). É fundamental partir da experiência e se aproximar da realidade com uma postura sensível e disponível, sem preconceitos. Merleau-Ponty introduziu a concepção de corpo próprio, a fim de superar o dualismo sujeito-objeto nas relações entre a consciência intencional e o mundo da vida (SILVA, 1994, p. 59). “Perceber não é experimentar um sem-número de impressões que trariam consigo recordações capazes de completá-las, é ver jorrar de uma constelação de dados um sentido imanente sem o qual nenhum apelo às recordações seria possível” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 47). A pastoral precisa deixar a realidade falar em um primeiro momento, para em seguida, discernir a mensagem da cultura, confrontando-a com o Evangelho. A percepção pastoral consiste em entrar em um universo alheio, e ao mesmo tempo, próximo. No fundo, é um olhar que habita aquilo que percebe (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 105).

Diferente do pensamento objetivo, Merleau-Ponty pretende não ignorar o sujeito da percepção (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 279). Há uma mútua imbricação no processo da percepção entre sujeito e mundo percebido. Só é possível tocar um fenômeno se o mesmo encontra um eco no sujeito que percebe e se há certa sincronia entre o corpo do sujeito e o objeto percebido (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 424). Pastoral não se faz em laboratório, mas acontece no corpo a corpo, na correlação, e “o que é dado não é somente a coisa, mas a experiência da coisa, uma transcendência em um rastro de subjetividade” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 436). Sempre

há um além do visto, do tocado e do experimentado. O mundo percebido é mais do que é possível perceber, vai além da subjetividade que percebe, é o mundo de outrem, que excede a consciência pessoal, mesmo que seja o mundo de toda consciência possível (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 453). Sempre permanece um mistério de alteridade irreduzível.

A percepção cotidiana não é um simples mosaico de qualidades catalogadas, mas um conjunto distinto de objetos que se apresentam à consciência (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 25). “A percepção primitiva refere-se antes a relações que a termos isolados” (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 26). A lógica da percepção ajuda a entender a pastoral como uma relação de conhecimento, onde o primado da percepção constitui um remédio contra o ceticismo e o pessimismo (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 65). O que Merleau-Ponty propõe é que pela percepção, se vai além de uma reflexão sobre si mesmo, sendo possível a descoberta da presença do outro (MACIEL, 1997, p. 55). A percepção é o modo de acessar o mundo e o outro, é a condição das relações (MACIEL, 1997, p. 127), é a abertura do sujeito ao outro e ao mundo (MACIEL, 1997, p. 129), nas mais variadas maneiras e formas, como seres indefinidos, ambíguos, prováveis, não simplesmente como formas puras (FILHO, 2006, p. 42). A partir da condição pessoal de ser no mundo (FALABRETTI, 2013, p. 379), a percepção é o acesso primordial e permanente ao mundo, às coisas e aos outros (FALABRETTI, 2013, p. 378). Toda ação pastoral, para ser eficaz, necessita de uma boa percepção da realidade onde vai atuar.

2.2 A questão da corporeidade

A realidade urbana atual valoriza muito a questão da corporeidade. Merleau-Ponty chama a atenção para essa dimensão, frisando, porém, que o corpo não pode ser considerado como um objeto entre outros, mas é a expressão de um ego concreto (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 88), é o veículo do ser em um meio definido (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 122), é o meio de se comunicar e de se relacionar com o mundo (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 136), em fim, é a condição fundamental para se ter um mundo (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 203). Ser corpo é estar envolvido em um mundo determinado, é ser em uma espacialidade específica (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 205). O ser corpóreo se desdobra e se realiza na espacialidade (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 206). “O corpo é um eu natural e como que o sujeito da percepção” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 278). A corporeidade é a condição de possibilidade de toda cultura (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 519), é a gênese da expressividade (MÜLLER, 2001, p. 199). O corpo “é um modo de ser, modo de se manifestar no mundo” (MACIEL, 1997, p. 110). O ser humano “é corporeidade” (MACIEL, 1997, p. 110). É no mundo como um corpo.

Para Merleau-Ponty, o corpo é o meio para tomar parte no ser das coisas (MACIEL, 1997, p. 132), é a capacidade de captar e exprimir significativamente aquilo que se manifesta no mundo, a partir de uma ligação vital com o mundo (MACIEL, 1997, p. 136). “É pelo corpo que se compreende o que é um *cogito*, o que é o mundo e o que significa ser no mundo. O corpo é veículo, carne do ser no mundo” (FALABRETTI, 2013, p. 383) sem confundir-se com o mundo. “O meu corpo está no mundo, mas não é o mundo. Ao mesmo tempo em que ele está separado do mundo, das coisas, das paisagens, é sustentado por esse mundo, está ligado à paisagem, pois, sem esse fundo, ele não seria visível, não seria encontrável” (FALABRETTI, 2013, p. 387). O corpo fenomênico ou corpo próprio é sujeito de seus atos e portador de intencionalidade e significação em sua abertura ao mundo (SILVA, 1994, p. 17). Não está sujeito ao eu ou vice-versa, em sentido cartesiano, mas o eu é este corpo (SILVA, 1994, p. 31). O corpo como sujeito, faz o eu estar no mundo, tomando parte nele, se situando no mundo, tornando-o um mundo pessoal (SILVA, 1994, p. 72).

Uma pastoral que não valoriza a dimensão concreta da corporeidade torna-se uma pastoral impessoal, despersonalizada e carente de significado. Merleau-Ponty toma como ponto de partida e tema norteador de sua filosofia o corpo, porém, não como objetivação, mas como corporeidade de um sujeito percipiente, cujo sentido de ser no mundo se caracteriza por uma inclusividade encarnada (JUNGLOS, 2013, p. 20-21). O corpo é a mediação necessária de todas as relações do ser humano com o mundo, com os outros e consigo mesmo. “Sem uma solicitação ao corpo, não existiria consciência e sem uma consciência exploradora, espiritual, existiria só cadáveres. Não estou nem na frente do meu corpo, tampouco atrás, eu sou ele” (JUNGLOS, 2013, p. 22). Merleau-Ponty afirma: “*Je suis mon corps*” (eu sou o meu corpo) (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 175). Merleau-Ponty vai transpor de volta a consciência para o corpo, considerando-o corpo reflexivo. Um sujeito desencarnado seria incapaz de qualquer ato significativo, pois não poderia se relacionar com o mundo e com os outros para a realização da autoconsciência, da liberdade e da possibilidade ética.

A corporeidade, a encarnação, ao mesmo tempo em que constitui um limite, uma delimitação, é uma possibilidade, um meio de comunicação, de experimentação, de vitalidade integrada ao meio, não é um obstáculo (JUNGLOS, 2013, p. 149). A sensibilidade e o conhecimento são sustentados pela encarnação do ser no mundo. “Merleau-Ponty fomenta a imbricação entre exterior e interior no processo da constituição da liberdade, em outras palavras, a liberdade se constitui através do mundo, do eu, do corpo e por intermédio do outro” (JUNGLOS, 2013, p.

250). A consciência está inevitavelmente ancorada no corpo, no mundo e na co-presença do outro, ou seja, concomitante ao aspecto da corporeidade, está o da alteridade e da percepção. Uma pastoral encarnada é fundamentalmente personalizada e relacional.

3 DESAFIOS PASTORAIS NO ÂMBITO DA URBANIDADE

É possível constatar que “a ação pastoral nas nossas cidades se encontra mais do que defasada, fragmentada numa variedade desconcertante de atividades e iniciativas, em sua maioria, desarticuladas entre si” (CALIMAN, 1994, p. 8). Essa fragmentação pastoral se deve à incapacidade de integrar e articular evangelização, sacramentalização, pastoral social e atendimento personalizado. Há acentos diferentes em cada uma dessas dimensões, dependendo da ênfase que determinado movimento ou pastoral dá à sua razão de ser dentro da Igreja. Movimentos mais espiritualistas se preocupam mais com a evangelização e a celebração dos sacramentos, mas se esquecem muitas vezes da questão social, e pastorais com maior incidência no âmbito da sociedade, geralmente possuem uma fraca vida litúrgico-sacramental da fé. Além disso, a ação pastoral ainda deixa muito a desejar em questões fundamentais, tais como o atendimento personalizado, a valorização da corporeidade e da expressividade nas celebrações litúrgicas, a sensibilidade na acolhida na comunidade, a falta de uma comunicação de qualidade em um contexto que é extremamente comunicativo e informatizado, e a carência de cuidado samaritano aos mais necessitados. Uma pastoral integral e mais sensível se faz necessária.

A pastoral urbana busca tocar e analisar as culturas religiosas com suas linguagens específicas, a fim de perceber a busca de sentido empreendida pelos cidadãos, com um olhar atento à procura da presença de Deus que habita na cidade (BRAVO, 2015, p. 128). “A cidade tem objetivamente os caracteres que constituem manifestação de Deus, mesmo que esses caracteres possam permanecer ocultos” (COMBLIN, 1991, p. 291). É preciso entrar no mundo cultural, procurar entender o sentido dos rituais praticados, pois o ser humano é um ser de rituais, de símbolos. Além disso, não é possível entender a cidade fora da linguagem e da lógica das redes de relacionamento. Nesse sentido, a linguagem não-verbal é fundamental na comunicação em ambiente urbano: a dimensão da corporeidade, das imagens, dos gestos e dos símbolos, sendo que o corpo é o símbolo por excelência (BRAVO, 2015, p. 122). Nesse sentido, fazer parte do Corpo de Cristo (*1 Cor 12,27*) é ser membro de um mistério que se corporifica na pastoralidade eclesial, que se expressa como encarnação contextual, quenótica e oblativa. Ser Igreja é ser um

Corpo, ser cristão é ter um Corpo, fazer pastoral é cuidar de um Corpo. Cristo padece em cada membro desse Corpo que é desprezado.

A ação pastoral acontece no corpo a corpo; no contato que cuida e se deixa cuidar; no deixar-se sentir e envolver; na corporeidade samaritana que não ignora o corpo alheio jogado à margem da sociedade; no amor concreto e doado, que é a linguagem por excelência da evangelização, pois não é algo a pensar e a falar simplesmente, mas a viver e a praticar. A missão da Igreja neste mundo não deve ser exclusivamente espiritualista, nem se restringir ao “salva a tua alma”, mas deve procurar a “salvação integral da pessoa”. Por muito tempo se negligenciou a dimensão da corporeidade na ação pastoral da Igreja, e atualmente esse é um desafio que se impõe, caso a Igreja queira evangelizar de forma inculturada no contexto da urbanidade. É preciso retomar o espírito samaritano, voltar ao referencial identitário do Evangelho, razão de ser da Igreja neste mundo. A Igreja deve reconhecer que nem sempre foi fiel à sua missão, e que caminha entre situações de pecado e necessidade de conversão. Esse é o imperativo constante de sua ação (RAMOS, 2006, p. 107).

Uma das grandes tentações que precisam ser superadas em contexto urbano é a tentação recorrente do pelagianismo pastoral⁴: fazer muitas coisas, confiando apenas no poder do protagonismo humano, porém, subestimando a ação da graça de Deus⁵. O velho axioma aristotélico nos ensina uma importante lição: o agir segue o ser. Dar prioridade ao ser, antes que ao agir, deixar o Mistério preceder e alimentar o ministério. “A vida na graça é o caminho para vencer o pelagianismo” ((FELLER, 2015, p. 69). Toda ação pastoral no âmbito da urbanidade precisa ser rezada, pensada e planejada, desde uma espiritualidade pastoral. É fundamental deixar espaço para Deus agir. Só assim é possível haver sintonia entre conteúdo e método. A experiência de Deus deve preceder o anúncio, pois ninguém dá aquilo que não tem. O ativismo

⁴ Cf. BINGEMER; FELLER, 2003, p. 48-56. O pressuposto fundamental de toda ação pastoral da Igreja consiste em examinar qual o lugar que Deus ocupa nessa ação. (Cf. FLORISTÁN SAMANES, 1968, p. 116). A teologia pastoral enquanto “ciência teológica da ação” (SZENTMÁRTONI, 1999, p. 12), precisa estar atenta a esse aspecto. O fundamento teológico de toda ação pastoral é a encarnação do Verbo, que visa fazer acontecer a ação salvadora pela mediação humana eclesial. (Cf. BRIGHENTI, 2006, p. 76). Os cristãos não são simplesmente propagandistas ou mensageiros de uma doutrina, mas testemunhas da ação salvífica de Deus em Jesus Cristo, no Espírito Santo, que estabeleceu uma Aliança com a humanidade. Com liberdade, alegria e amor, os cristãos são chamados a serem centros vivos da Boa Nova de salvação a todos. (Cf. BORRAS, 2015, p. 195).

⁵ O pelagianismo pastoral não investe tempo no silêncio e na contemplação, confia apenas no barulho, na correria, no stress humano; há muito espaço para a religião e pouco para a fé; prefere-se a magia e o marketing, em detrimento da mistagogia; esquece-se de que “a missão depende inteiramente da graça divina” (FELLER, 2015, p. 55). Jesus condena uma religião falsa que assegura seguranças. Jesus fala de uma religião secular, que assiste os excluídos e marginalizados, e que se afasta da corrupção mundana; uma religião profética, libertadora, que anuncia o Reinado de Deus de fraternidade e de paz (FELLER, 2015, p. 71).

é um anúncio vazio, uma voz fraca, uma esquizofrenia pastoral. “Na história da Igreja, toda vez que prevaleceu o pelagianismo do cálculo e do controle, houve fechamentos e medos e inseguranças” ((FELLER, 2015, p. 70) É preciso cultivar um ministério pastoral consequente com a graça divina, ao invés de alimentar uma pastoral meramente superficial e inconsistente, que não vem das profundezas da fé e não toca na interioridade do outro.

É necessário evitar também a tentação do mercantilismo religioso⁶. A missão não é um “negócio” (EG 279) com Deus em vista de projetos pessoais, como se Deus valesse na medida em que favorecesse os planos e as vontades individuais. A religião atual não quer servir a Deus, mas servir-se de Deus. Diferente do deixar-se moldar à vontade e ao projeto de Deus, como o fez Jesus e sua mãe Maria que afirmou “faça-se em mim segundo tua Palavra.” (Lc 1,38). O compromisso com o projeto de Deus exige muita fé e pouca religião interesseira. A religião de mercado cria um deus comercial, fabricado à imagem e semelhança das necessidades e desejos das pessoas. Algumas questões se impõem: Como anunciar o Evangelho em uma sociedade onde a gratuidade perde sentido? Como vencer o individualismo pela vida comunitária?⁷ O mundo urbano atual continua a perseguir a Jesus e o seu Evangelho da comunidade e da gratuidade. A magia e o marketing fabricam o mercado religioso das ilusões e das auto-satisfações.

É fundamental ter a coragem de superar as estruturas caducas e ultrapassadas que já não favorecem mais a evangelização e a transmissão da fé (DAp 365). “O grande obstáculo da

⁶ A grande cidade influenciou significativamente na configuração do cristianismo nascente e das suas instituições (Cf. BRESSAN, 2015, p. 138), e contemporaneamente, se transformou em uma espécie de supermercado religioso, que em muitos aspectos, substituiu as religiões institucionais na oferta de sentido, como uma Babel confusa das diferentes linguagens religiosas. Nesse contexto extremamente plural, a Igreja é apenas mais uma oferta entre tantas. (Cf. BRAVO, 2015, p. 125).

⁷ Segundo Charles Taylor, o individualismo é a marca de nosso tempo. Cada um acredita ter o direito de desenvolver a sua própria forma de vida, com seus valores. As pessoas se sentem chamadas a serem fiéis a si mesmas. Em última análise, o sentido da vida é definido no nível da subjetividade. Há profundas ressalvas aos cerceamentos das liberdades individuais. Não há identificação com o bem comum, com o comunitário. O comunitário, quando existe, deve servir ao individual. Os indivíduos vão cada vez mais se concentrando em seus próprios projetos. Deus é o meu Deus, não mais o nosso Deus. As relações são substituídas pela instrumentalidade, a terceirização. Prima-se pela eficiência. A religião embarca na ótica instrumental. As certezas fundamentais e o horizonte global de vida se esvanecem no desnorreamento e na obscuridade dos dramas pessoais. Lyotard vai falar do descrédito das metanarrativas. No pós-moderno, o Uno, o Imutável e o Eterno tornam-se ilusões do passado. O próprio discurso racional não é mais fundamento, e a ciência um saber apenas conjectural e hipotético. Estamos num pântano, não mais na terra firme. Temos que nos contentar com as pequenas narrativas. Hoje a religião se articula a nível individual, e a nível social, prepondera a vontade humana. A religião torna-se privatizada. A secularização marginalizou a religião institucional. Há uma subjetivação da religião. (Cf. BENEDETTI, 1994, p. 66). Nesse sentido, questiona-se: Como articular a religião em um mundo individualista, autossuficiente e sem referenciais transcendentais? A autonomia da ordem terrestre deixa em aberto o sentido da vida humana. As pequenas experiências comunitárias talvez sejam o caminho.

pastoral urbana são o medo e a falta de abertura diante do novo” (ALMEIDA, 2009, p. 172). Em geral, há a tentação de se fechar nos velhos métodos, numa atitude defensiva ante a evolução agressivamente veloz e desconcertante da cultura e da sociedade. A evangelização necessita de pessoas ousadas e corajosas, que falem uma língua que as pessoas entendam. Não bastam adeptos. É prioritário que se formem discípulos missionários a partir da experiência da vida em comunidade, e isso acontece na contramão de uma pastoral individualista e privatizada, ou seja, pela insistência na importância da dimensão comunitária. É imprescindível fomentar relações espontâneas e informais, e práticas de convívio, evitando o imediatismo e o individualismo.

CONCLUSÃO

O Evangelho é dom de Deus entregue a todos, especialmente aos excluídos e marginalizados pela sociedade. Pela força da gratuidade, e não da publicidade e do marketing, é que a semente simples do Evangelho é semeada para frutificar no coração das pessoas. O Evangelho não é produto humano, nem se impõe pela força do mercado. A saída é a mistagogia, pela qual se equilibra a dimensão da gratuidade divina e da colaboração humana através do planejamento e da ação pastoral. O cristão ou será místico, ou será um burocrata funcionário da religião. Importa deixar-se conduzir pelo Espírito e propagar a cidadania batismal, em uma reação ao relativismo niilista, pelo fomento da esperança pascal que ilumina as obscuridades da história, no espírito de simplicidade e de ministério. Um caminho possível pode ser a multiplicação de pequenos gestos libertadores, que à diferença de uma pastoral de massa, aposta na conversão pessoal e pastoral. Não haverá transformação das estruturas caducas sem uma mudança de mentalidade que transforme as atitudes dos evangelizadores.

A conversão pastoral é uma marca permanente da atividade pastoral. Diante de uma realidade extremamente individualista, intimista e consumista, “o cristão autêntico há de preocupar-se com a construção do Reino de Deus, isto é, com a realização concreta de projetos que primem pelo bem comum, pela justiça e pela fraternidade” (LOREZANTO, 2011, p. 88). A pastoral urbana poderia priorizar especialmente: a) O fortalecimento de comunidades eclesiais de base, nas quais as pessoas se sintam acolhidas e valorizadas, sendo possível celebrar uma liturgia mais encarnada na vida, de forma espontânea e vibrante; b) Valorização dos sacramentais como as bênçãos e os sinais sagrados, em uma reação ao secularismo e ao cientificismo; c) Acolher, incentivar e orientar de maneira saudável a religiosidade popular, com suas devoções, cultos, procissões e gestos simbólicos; d) Desenvolver uma teologia mais encarnada do que metafísica,

centrada no Reinado de Deus e atenta à vida das pessoas e da sociedade; e) Fazer presença junto aos meios de comunicação social, evitando toda forma de mercantilização e banalização do sagrado; f) Dar uma atenção especial à evangelização junto às periferias existenciais da urbanidade, com sensibilidade e criatividade pastoral (LOREZANTO, 2011, p. 88-89).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Antonio José de. **Paróquia, comunidades e pastoral urbana**. São Paulo: Paulinas, 2009.

AUGÉ, Marc. El planeta como lugar: ciudad-mundo y mundo-ciudad. In: MARTÍNEZ SISTACH, Lluís (Ed.). **La pastoral de las grandes ciudades**. México: PPC, 2015, p. 33-42.

BENEDETTI, Luiz Roberto. A religião na cidade. In: ANTONIAZZI, Alberto; CALIMAN, Cleto (Orgs.). **A presença da Igreja na cidade**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 61-73.

BÍBLIA. Português. A Bíblia de Jerusalém. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

BINGEMER, Maria Clara; FELLER, Vitor Galdino. **Deus-Amor, a graça que habita em nós**. Valencia; São Paulo: Siquem; Paulinas, 2003.

BORRAS, Alphonse. La comunicación del Evangelio en la gran ciudad: espacios, agentes, condiciones. In: MARTÍNEZ SISTACH, Lluís (Ed.). **La pastoral de las grandes ciudades**. México: PPC, 2015, p. 191-233.

BRAVO, Benjamín. El tejido eclesial y los tejidos urbanos: sociales, económicos, culturales, religiosos. In: MARTÍNEZ SISTACH, Lluís (Ed.). **La pastoral de las grandes ciudades**. México: PPC, 2015, p. 120-136.

BRESSAN, Luca. Individuo/persona, colectividad/comunidad en la gran ciudad. In: MARTÍNEZ SISTACH, Lluís (Ed.). **La pastoral de las grandes ciudades**. México: PPC, 2015, p. 137-164.

BRIGHENTI, Agenor. **A pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé**. São Paulo: Paulinas, 2006.

CALIMAN, Cleto. A Igreja na cidade. In: ANTONIAZZI, Alberto; CALIMAN, Cleto (Orgs.). **A presença da Igreja na cidade**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 7-10.

CASTELLS, Manuel. Ángeles y demonios de las grandes ciudades: la metropolitización del mundo y el papel de la religión en los problemas sociales urbanos. In: MARTÍNEZ SISTACH, Lluís (Ed.). **La pastoral de las grandes ciudades**. México: PPC, 2015, p. 19-32.

COMBLIN, José. **Teologia da cidade**. Trad. Célia Maria Leal. São Paulo: Paulinas, 1991.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. 3. ed. Trad. Luiz Alexandre Solano Rossi. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulus; Paulinas, 2007.

- DAVEY, Andrew. Eclésia e profecia para uma cidade aberta: reposicionando a missão da Igreja no setor público. In: CASTRO, Clovis Pinto de; CUNHA, Magali do Nascimento; LOPES, Nicanor (Orgs.). **Pastoral urbana: presença pública da Igreja em áreas urbanas**. São Bernardo do Campo: Editeo; Universidade Metodista de São Paulo, 2006, p. 81-98.
- ELZO, Javier. Formas de vinculación y formas de desvinculación de la gran ciudad. In: MARTÍNEZ SISTACH, Lluís (Ed.). **La pastoral de las grandes ciudades**. México: PPC, 2015, p. 43-85.
- FALABRETTI, Ericson Sávio. A estrutura como logos da experiência pré-reflexiva. **Veritas**, Porto Alegre, v. 58, n. 2, p. 371-398, mai.-ago. 2013.
- FELLER, Vitor Galdino. A crítica do Papa Francisco ao pelagianismo. **Encontros Teológicos**, Florianópolis, v. 70, n. 1, p. 51-71, 2015.
- FILHO, Osvaldo Fontes. Natureza, individuação e logos em Merleau-Ponty. **Veritas**, Porto Alegre, v. 51, n. 2, p. 37-54, jun. 2006.
- FLORISTÁN SAMANES, Casiano. **Teología de la acción pastoral**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1968.
- FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual**. São Paulo: Paulinas, 2013.
- GRINGS, Dadeus. **A evangelização da cidade: o apostolado urbano**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.
- JUNGLOS, Márcio. Consequências inclusivas na fenomenologia de Husserl, Merleau-Ponty e Waldenfels. **Intuitio**, Porto Alegre, v. 6, p. 14-30, 2013.
- _____. Criação e criatividade com expressão da liberdade: uma abordagem inclusiva em Merleau-Ponty, Foucault e Waldenfels. **Kínesis**, Marília, v. 3, n. 6, dez. 2011.
- _____. **Fenomenologia da inclusividade**. 2014. 133 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- _____. Racionalidade e ontologia: perspectivas ético-inclusivas na filosofia de Mead, Merleau-Ponty e Waldenfels. **Kínesis**, Marília, v. 139, n. 9, jul. 2013.
- KLEIN, Otavio José. Mundo virtual, pós-humano e/ou mediatizado. In: RODIGHERO, Ivanir; CARLESSO, Jair; MEZADRI, Neri (Orgs.). **Pastoral urbana: sinais de esperança**. Passo Fundo: Itepa, 2011, p. 62-73.
- LOREZANTO, Odair. Panorama religioso da cidade no Brasil. In: RODIGHERO, Ivanir; CARLESSO, Jair; MEZADRI, Neri (Orgs.). **Pastoral urbana: sinais de esperança**. Passo Fundo: Itepa, 2011, p. 74-90.
- MACIEL, Sonia Maria. **O corpo invisível: uma nova leitura na filosofia de Merleau-Ponty**. Porto Alegre: Edipucrs, 1997.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 3. ed. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. **O primado da percepção e suas consequências filosóficas**. Trad. Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papirus, 1990.

_____. **Phénoménologie de la perception**. Paris: Gallimard, 1945.

MÜLLER, Marcos José. **Merleau-Ponty**: acerca da expressão. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

RAMOS, Julio A. **Teología pastoral**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2006.

SILVA, Ursula Rosa da. **A linguagem muda e o pensamento falante**: sobre a filosofia da linguagem em Maurice Merleau-Ponty. Porto Alegre: Edipucrs, 1994.

SUNG, Jung Mo. A presença pública da Igreja no espaço urbano. In: CASTRO, Clovis Pinto de; CUNHA, Magali do Nascimento; LOPES, Nicanor (Orgs.). **Pastoral urbana**: presença pública da Igreja em áreas urbanas. São Bernardo do Campo: Editeo; Universidade Metodista de São Paulo, 2006, p. 21-32.

SZENTMÁRTONI, Mihály. **Introdução à teologia pastoral**. Trad. Orlando Soares Moreira. São Paulo: Loyola, 1999.